PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

1968

Nº 20 RIO DE JANEIRO FEVEREIRO DE 1968 ANO III

DEVER DO MILITANTE

A idéia de que as massas fazem a revolução é um conceito básico do marxismo-leninismo. A justeza dêsse princípio foi muitas vêzes comprovada em diferentes países. Quando um povo adquire consciência da sua fôrça e se lança à luta por elevados objetivos torna-se invencível. Os elementos mais decididos, abnegados, capazes e corajosos do povo constituem a sua vanguarda.

Os comunistas aspiram a ser a vanguarda das massas. Para bem cumprir esta tarefa, precisam transformar-se em pessoas inteiramente devotadas à causa revolucionária, em lutadores das primeiras linhas de combate, dispostos a enfrentar tôdas as dificuldades e a servir sinceramente ao povo. O ideal de um verdadeiro comunista é poder dedicar tôda a sua vida, cada dia e cada hora, à revolução, à luta para libertar os trabalhadores da exploração do homem pelo homem e para construir uma nova sociedade.

Ao ingressar no Partido, o militante assume um compromisso com a organização e consigo mesmo de empenhar-se, com o máximo de suas energias, no cumprimento das tarefas partidárias. Ser fiel a êsse compromisso é motivo de orgulho para o membro do Partido. O autêntico revolucionário sabe subordinar seus problemas pessoais, por mais respeitáveis que sejam, aos interêsses da causa que abraçou. Nada se sobrepõe ao cumprimento do dever de militante. Nenhuma razão de ordem particular pode afastar o comunista do pôsto para o qual foi designado. Não escolhe tarefa e se regozija quando lhe são atribuídos os encargos mais difíceis. Por maiores que sejam os sacrifícios que a luta lhe impõe, jamais se lamenta ou revela insatisfação. Se os militantes colocassem em primeiro plano questões de sua vida privada, quando muito seriam revolucionários pela metade. Estariam na posição de quem deseja a revolução, mas espera que outros a façam.

Quando se aguçam as contradições no campo internacional e quando a ditadura militar espesinha o povo brasileiro, mais necessário se torna que os comunistas se desprendam de tudo que possa entravar sua atividade revolucionária. Ir às massas, fortalecer o Partido e propagar a sua linha, organizar e dirigir lutas, elevar a consciência política do povo e despertá-lo para a guerra popular — são tarefas inadiáveis que reclamam dedicação e perseverança.

Os êxitos do Partido dependem de cada um e dos militantes em seu conjunto.

COMENTÁRIO NACIONAL

MANEJOS DE «PACIFICAÇÃO»

Em meio às arbitrariedades e às medidas reacionárias da ditadura militar, surge um suspeito movimento de pacificação nacional. O governador da Bahia Luiz Viana, homem da copa e da cozinha presidencial no período de Castelo Branco, de repente aparece, fantasiado de mensageiro da paz, a propor uma «pacificação» que ninguém sabe em que consiste. Nas mesmas águas começa também a navegar o aristocrático chefe do Executivo de São Paulo, pôsto a que foi guindado pela «Sorbonne», clamando pela unidade em tôrno de Costa e Silva.

Tais manobras «pacificadoras» não são acidentais. O atual govêrno está bastante desgastado. Sua administração tem se revelado um rotundo fracasso. Não resolveu, nem resolverá, nenhum dos problemas que afligem o país. Ao contrário, a situação agrava-se dia a dia. Chegou a tal ponto de desmoralização que um simples discurso de Lacerda leva o desassocêgo aos arraiais governistas. O marechal-ditador vê fantasmas por todos os lados e, com mêdo da própria sombra, pôs de prontidão tôdas as unidades do Exército. Ao mesmo tempo, como expoente do militarismo reacionário, transforma o país num imenso quartel. O Conselho de Segurança Nacional passou a superministério, o que possibilita aos militares controlar a vida política e administrativa do país. Os quadros de oficiais do Exército foram aumentados de quase meio milhar, acarretando enormes despesas aos cofres públicos e tornando ainda mais pesada a máquina militar que oprime a nação. 234 dos mais importantes municípios, sob o pretêxto de segurança nacional, vêem-se privados de eleger os prefeitos. Não é de admirar, portanto, que o descontentamento se generalize e que aumente com mais fôrça ainda a exigência de acabar com a ditadura.

Face a isto, o grupo de Costa e Silva procura reduzir as áreas de oposição, atraindo, por meio de conchavos e promessas políticas, certos setôres oposicionistas, sem contudo modificar o regime militarista implantado com o golpe de 1º de abril. Mas sua preocupação fundamental é manter a aliança entre o grupo da «Sorbonne» e o da «Linha Dura», tendo em vista assegurar ao Govêrno o apoio do Exército. Aliás, algumas das principais medidas de arrôcho últimamente aprovadas são resultado do entendimento entre aquelas duas correntes militares.

Ao movimento de «pacificação» também não estão alheios os imperialistas norte-americanos. Às voltas com sua guerra suja no Vietname, tentam adotar medidas que melhor enquadrem o Brasil nos seus planos agressivos. Neste sentido, a *união sagrada* das fôrças reacionárias lhes seria bastante útil, união em tôrno de Costa e Silva, na medida em que êste fôr o melhor instrumento para a consecução de seus objetivos, ou em tôrno de outro elemento de sua confiança, se o atual ditador não mais lhe convier. Uma tal *união sagrada*, teria por fim aumentar a repressão contra as massas populares, abrir caminho a novas concessões a Washington e propiciar soldados brasileiros às aventuras ianques no Sudeste Asiático.

Os manejos de «pacificação» não lograrão êxito e, muito menos, conseguirão iludir o povo. Êste adquire consciência, cada vez mais profunda, do que significa a ditadura, resiste a sua política reacionária e entreguista e acabará por se lançar à luta revolucionária para livrar o país dêsse calamitoso govêrno antipopular e antinacional.

SAUDAÇÃO À FLN

À FRENTE DE LIBERTAÇÃO NACIONAL DO VIETNAME DO SUL

As magníficas vitórias das fôrças populares sul-vietnamitas, em sua pujante ofensiva da primavera contra os agressores ianques, enchem de júbilo e entusiasmo o nosso povo. Em todos os recantos do Brasil, operários, camponeses, estudantes e intelectuais acompanham com emoção e vivo interêsse as façanhas dos vietnamitas. Têm os olhos voltados para o Vietname, cujos combatentes revelam valentia e capacidade militar, decisão e espírito de sacrifício, raramente conhecidos na História. Os golpes demolidores que os guerrilheiros assestam nos arrogantes invasores estadunidenses não apenas prenunciam a vitória definitiva como também ajudam os oprimidos de todo o mundo em sua luta contra o inimigo comum da Humanidade.

A resistência armada dirigida pela FLN demonstra que o imperialismo norte-americano, com todo o seu poderio, pode ser derrotado pelas massas quando estas, corajosamente, se atrevem a enfrentá-lo. Cercado pelo oceano da guerra popular, a fera imperialista está cada vez mais acuada. E por mais crimes que cometa e por mais poderosos que sejam os seus armamentos, sofre derrota após derrota. Como mostra a experiência histórica, qualquer povo, grande ou pequeno, defendendo uma causa justa, acaba sempre triunfando sôbre os exploradores e opressores.

Nosso povo, agrilhoado por uma ditadura militar a serviço dos monopólios ianques, encontra no exemplo vietnamita um grande estímulo. Os patriotas brasileiros, diante dêsse exemplo, sentem que se aproxima o dia em que terão também que recorrer às armas, levar a cabo a guerra popular, a fim de alcançar a completa independência, a liberdade e uma vida digna.

Com os êxitos conquistados pela Frente de Libertação Nacional, em sua recente ofensiva, a luta anti-imperialista em todo o mundo assume nôvo nível. Os que se dispõem a combater os espoliadores ianques têm, agora, maiores responsabilidades. Precisam intensificar as ações contra os criminosos imperialistas dos Estados Unidos e desenvolver mais amplamente a solidariedade a seus irmãos vietnamitas.

O Comitê Central do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL saúda ardentemente a valorosa Frente de Libertação Nacional, que uniu sob suas bandeiras, na base de um amplo programa, todo o povo contra os salteadores norte-americanos. Ao fazer esta saudação, tem consciência que, juntamente com o apoio e a solidariedade ao Vietname, é dever indeclinável desenvolver o movimento de emancipação nacional em nosso país a fim de derrubar a ditadura militar, instaurar um regime democrático e popular e livrar o Brasil das garras dos monopolistas ianques. Compreende que esta é a melhor maneira de ajudar o glorioso povo vietnamita.

O Comitê Central do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL manifesta sua plena convicção de que a Frente de Libertação Nacional conseguirá novas e brilhantes vitórias em sua guerra justa e que chegará o momento em que o Vietname, unido e independente, admirado por todos os povos, construirá uma vida livre da opressão, da guerra e do domínio estrangeiro.

VIVA O HERÓICO POVO SUL-VIETNAMITA!
VIVA A FRENTE DE LIBERTAÇÃO NACIONAL!

O Comitê Central do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

«A solidariedade ativa ao povo vietnamita precisa constituir preocupação constante dos comunistas que devem empenhar-se decididamente na tarefa de impulsionar as ações de repulsa e condenação aos imperialistas norte-americanos pela monstruosa guerra que fazem no Vietname».

(Do Informe do Comitê Central do PC do Brasil, novembro 1967)

PANORAMA INTERNACIONAL

BRILHANTE TRIUNFO

Os feitos heróicos dos combatentes vietnamitas, na ofensiva de fevereiro, comovem os povos do mundo e põem em pânico os reacionários de todos os países e os sanguinários imperialistas norte-americanos. Em todos os recantos do globo, eleva-se o ânimo combativo das massas diante de tão extraordinárias façanhas. O desespêro dos belicistas do Pentágono e da Casa Branca, face às derrotas, conduz a novas tentativas de expansão da guerra no Sudeste Asiático. Agrava-se, assim, a situação internacional.

O povo vietnamita alcançou um brilhante triunfo que ficará, para sempre, gravado na História. Há sete anos, mal se formavam os primeiros grupos de combatentes das Fôrças Armadas Populares de Libertação Nacional do Vietname do Sul. Hoje, são milhares e milhares de lutadores organizados militarmente, vinculados estreitamente ao povo, que atacam as grandes cidades, as bases norte-americanas e as sedes dos comandos inimigos. A guerra no Vietname atingiu nôvo nivel. Os patriotas sul-vietnamitas dão exemplo de destemor invulgar e de desprendimento sem limites. Seus dirigentes mostram elevada capacidade política e militar. Comprova-se, uma vez mais, a justeza da teoria de Mao Tse-tung sôbre a guerra popular.

Mas está ainda longe de terminar a grande luta liberatadora. Duras provas terão ainda que passar os vietnamitas e os povos de todo o mundo. Os imperialistas dos Estados Unidos não se resignam com a derrota. Intensificarão seu banditismo e darão novos passos na política da «escalada». Objetivam levar a agressão ao Laus e à Cambodja e alcançar as fronteiras da China Popular. Procurarão aumentar seus efetivos militares no Sudeste Asiático, não só com soldados norte-americanos como também com tropas títeres de outros países. Para evitar a derrota final, cometerão os mairoes desatinos e os crimes mais bárbaros.

Dêste modo, os últimos acontecimentos no Vietname têm profunda repercussão em todo o mundo. De um lado, os imperialistas ianques e as fôrças reacionárias voltar-se-ão, mais ainda, para as agressões militares e para as medidas repressivas em tôda parte, procurando esmagar as lutas das massas. De outro lado, os povos, que não desejam viver como escravos, aumentarão sua resistência, enveredando pelo caminho da guerra popular.

Atualmente, na Ásia, África e América Latina a luta armada adquire maior vigor. No Laus, Tailândia, Birmânia e Malásia as guerrilhas atingem nível que lhes permite realizar ações de envergadura. Nas Filipinas, Indonésia e Índia começa a se desenvolver a luta guerrilheira. No Continente Africano, as chamas da guerra popular crepitam no Congo, Moçambique, Angola e Guiné Portuguesa. No Hemisfério Ocidental, a luta armada prossegue em diversos países.

A guerra justa do povo vietnamita contribui poderosamente para fortalecer a frente mundial contra o mais odiado inimigo da Humanidade. Desenvolve-se a ajuda mútua e a solidariedade entre os povos. A China Popular é a mais sólida retaguarda dos bravos combatentes do Vietname, aos quais presta todo o apoio. Em tôda a parte, realizam-se demonstrações contra o imperialismo norte-americano e a favor da grande causa da Frente de Libertação Nacional.

Os êxitos dos vietnamitas anunciam a vitória dos povos. Os imperialistas ianques não poderão apagar o incêndio da revolução que se estende a todos os continentes.

CONGRESSO DOS REVISIONISTAS

Fazendo desbragada apologia do capitalismo no Brasil, o partido revisionista de L. C. Prestes apresentou «nova» linha política. Engendrada nos bastidores do chamado VI Congresso, a «nova» orientação repete, sem qualquer originalidade, as velhas e desmoralizadas teses do V Congresso, cópias servis das opiniões de Kruschov e Togliatti, que tantos prejuízos causaram ao movimento democrático e popular.

O VI Congresso deixou bem claro não só a traição do revisionismo como a sua hipocrisia e falta de escrúpulos. A tão alardeada «democracia interna», de que os direitistas faziam praça nos debates que sucederam ao XX Congresso do PCUS, mostrou, de fato, o que era nessa caricatura de congresso. Antes mesmo do ato final da pantomima montada pelos revisionistas, Prestes e seus comparsas trataram de silenciar os que divergiam das «teses» em discussão. Intervieram nas conferências estaduais e destituiram dirigentes que se opunham à linha oficial. No encerramento da comédia do chamado VI Congresso, não foram convocados inúmeros delegados de vários Estados e diversos membros do antigo Comitê Central que, estatutàriamente, deviam participar daquele conclave. Foi assim que o «direito de divergir» foi amplamente assegurado...

A Resolução do Congresso é um amontoado de incoerências e de posições reformistas. Seus autôres, eufóricos, exaltam o capitalismo e o consideram em plena ascensão. «A economia brasiliera — diz o documento revisionista — passou a ter o seu centro dinâmico no próprio mercado interno, deixando de ser um mero apêndice do mercado imperialista». Segundo a Resolução, o capitalismo avança em marcha batida, derrubando todos os obstáculos. O mercado interno se desenvolve sem cessar, «formado principalmente através da expansão do crescimento urbano, do alargamento das áreas agrícolas e da penetração do capitalismo no campo». E na embriaguez do desenvolvimentismo proclamam: «Entre 1948 e os dias atuais, a produção industrial multiplicou-se por 4, enquanto o produto interno bruto cresceu 2,6 vêzes. (...) A indústria de bens de produção ganhou maior impulso. O valor de sua produção equivale ao valor da produção de bens de consumo, sendo que em 1939 correspondia a menos da metade. (...) A indústria pesada, por seu turno, já pode atender a 3/4 partes das necessidades brasileiras de equipamentos». Ora viva! Até parece relatório demagógico de ministro da Fazenda para embair a opinião pública. Num país sob o guante de uma férrea ditadura entreguista, que agravou em todos os sentidos a já difícil situação do Brasil, quando o desemprêgo e o subconsumo se estendem em proporções nunca vistas e quando o imperialismo norte-americano domina avassaladoramente a economia nacional, surgem os revisionistas para pintar de côres róseas o panorama econômico do país.

Com tais afirmações, os revisionistas querem dar a impressão que o Brasil, gradativamente, se liberta das peias do imperialismo. Nem mesmo um reacionário como Magalhães Pinto atreve-se a fazer semelhantes assertivas. O influente banqueiro e ministro da ditadura, lastimando a espoliação de que o Brasil é vítima no comércio exterior, disse, há pouco, em Nova Delhi, que, em doze anos, o país teve um prejuízo de 5 bilhões de dólares na venda de seus produtos. Isto se dá precisamente devido à dependência dos principais artigos de exportação brasileiros ao mercado imperialista dos Estados Unidos.

A indústria pesada a que se refere, com ufanismo nacionalista, a Resolução do PC Brasileiro, na realidade, está em grande parte nas mãos dos monopólios estrangeiros. É um verdadeiro embuste afirmar que esta indústria já produz 3/4 partes das necessidades brasileiras de equipamentos. Todo mundo sabe que o Brasil é um país subdesenvolvido, que emprega um número reduzidíssimo de máquinas. O equipamento por êle produzido está muito, muito longe de satisfazer as 3/4 partes de suas necessidades reais. É insignificante o volume da produção industrial do país se se tem em conta que a população já ultrapassa os 85 milhões. Apesar de ter havido um aumento global da produção, o Brasil se atrasa cada vez mais em relação ao progresso das nações desenvolvidas. Não há motivo para entoar loas ao desenvolvimento nacional. Citar dados de quase 30 anos atrás, como faz a Resolução, para compará-los com os atuais, tendo em vista apresentar um quadro promissor, é o cúmulo da tergiversação! Por êsse caminho, seria mais convincente recorrer aos dados de 1889, quando se proclamou a República. O progresso apareceria então avançando em ritmo verdadeiramente astronômico...

No que se refere à orientação política, a Resolução traça uma linha que tem a mesma essência oportunista da do período anterior ao golpe. A principal tarefa que apresenta é «mobilizar, unir e organizar a classe operária e demais fôrças patrióticas e democráticas para a luta contra o regime ditatorial», dando um «caráter prioritário» à defesa das liberdades democráticas. Na realidade, a tática delineada no documento dos revisionistas quase nada se diferencia da seguida pelas fôrças de oposição das classes dominantes, como o MDB e a Frente Ampla. Não propugna a luta revolucionária para derrubar a ditadura, mas ùnicamente ações para obter conquistas parciais, forçar o govêrno ditatorial a mudar sua política, conseguir eleições diretas, etc. O centro da tática revisionista é a conquista da legalidade, isto é, a volta à situação anterior à queda de Goulart. «As fôrças democráticas — declara a Resolução — através da ação, poderão conquistar a legalidade de fato, obrigar a minoria reacionária a recuar, e derrotá-la». É a adaptação do malfadado caminho pacífico às condições existentes no país sob uma ditadura entreguista e antipopular. É uma linha de traição ao povo que sòmente pode levar ao mais completo fracasso.

Para enganar os militantes e as massas, os revisionistas falam também em luta armada. Mas isto seria apenas uma eventualidade e, assim mesmo, imposta pelos militares no Poder. Diz o documento: «A ditadura poderá impor ao povo o caminho da insurreição armada ou da guerra civil». Que significa isto? Significa, por acaso, que a ditadura ainda é suportável e que sòmente em outra situação o povo seria obrigado a recorrer à violência? Na verdade, a organização prestista condena a luta armada do povo e só admite o choque armado se a iniciativa partir dos grupos das classes dominantes dos quais ela é um simples apêndice. Não por acaso, a Resolução ataca as guerrilhas e fala apenas em insurreições e guerra civil, isto é, as formas de luta armada a que as classes dominantes podem recorrer, utilizando os levantes de quartel. Justamente por isso, o PC Brasileiro recomenda «o entendimento com as diversas correntes da frente antiditatorial, para essa eventualidade». Numa época em que o povo brasileiro adquire cada vez maior consciência da necessidade de se preparar para a luta armada, único caminho para conseguir a libertação nacional e a democracia, a posição de Prestes e seus apaniguados ajuda objetivamente o imperialismo e a ditadura militar, tentando afastar as massas da via revolucionária.

Ao abordar as questões do movimento comunista internacional, a Resolução do congresso dos revisionistas ataca desabridamente o Partido Comunista da China e o grande líder dos povos, o camarada Mao Tse-tung. Investe raivosamente contra a Grande Revolução Cultural Proletária, nova etapa da Revolução Socialista. Nisto se revela também o caráter contra-revolucionário do PC Brasileiro, que une sua voz ao côro antichinês dos belicistas ianques e dos reacionários de todo o mundo. Revela igualmente a sabujice de Prestes e sua camarilha diante da direção do PCUS. Como os revisionistas soviéticos, aliados aos Estados Unidos, intensificaram suas calúnias e mentiras contra o povo chinês e seu grande dirigente, os prestistas repetem as mesmas sandices de seus amos do Kremlin. Não têm pêjo de atribuir aos chineses a tese de que «a guerra, que precipitaria os povos numa catástrofe nuclear, seja o único meio de fazer triunfar o socialismo». É uma deturpação de quem não tem argumentos para contestar as justas posições marxistas-leninistas do PC da China. Mao Tse-tung jamais expendeu tal opinião. Ao contrário dos acovardados dirigentes soviéticos, êle conclama os povos a enfrentar a agressão norte-americana e a repelir qualquer tentativa de capitulação diante dos imperialistas.

Como não podia deixar de ser, a Resolução expressa o apoio incondicional do PC Brasileiro à Conferência mundial dos partidos revisionistas, convocada por Brezhnev, Kossiguin & Cia. a realizar-se em Budapest no mês em curso. Trata-se de uma reunião diretamente voltada contra o movimento revolucionário, projetada por Kruschov e que foi adiada mais de uma vez. Através dessa conferência, os revisionistas soviéticos pretendem reforçar sua precária liderança sôbre os demais agrupamentos oportunistas e coordenar esforços contra o PC da China,

(continua na pag. 3)

18 DE FEVEREIRO

Nos anais do movimento comunista, 18 de fevereiro de 1962 aparece como uma das páginas mais brilhantes. Nessa data, realizou-se a Conferência Nacional Extraordinária que reorganizou o Partido Comunista do Brasil como autêntica vanguarda marxista-leninista do proletariado. Há seis anos, abria-se nova fase na vida do partido da classe operária. Fiel às gloriosas tradições de luta do povo brasileiro e defensor dos princípios do internacionalismo proletário, o PC do Brasil combate intransigentemente o imperialismo norte-americano, pugna pelas reivindicações democráticas, desmascara o revisionismo contemporâneo e tôdas as formas de oportunismo, propaga as grandes idéias do socialismo.

No início de sua reorganização, o PC do Brasil teve de arrostar a maré montante do revisionismo e a onda de calúnias dos oportunistas de todos os matizes. Kruschov e seus apaniguados lançavam raios e trovões para fulminar os que desafiavam suas falsas teses e repudiavam suas opiniões errôneas. Poucos acreditavam no êxito da marcha encetada pelo Partido. As aparências favoreciam os arautos do caminho pacífico e da colaboração de classe com a burguesia reformista. O Partido, porém, a tudo resistiu. Levou adiante suas tarefas, cresceu e se fortaleceu, contrariando os vaticínios dos Prestes e seus sequazes de que êle jamais vingaria.

Desde o primeiro momento, o Partido Comunista do Brasil, sem rodeios, definiu com precisão seus objetivos e sua orientação. Não fêz qualquer concessão no terreno dos princípios. Disse claramente o motivo de sua reorganização: defender a pureza do marxismo-leninismo e fazer a revolução. Aprovou seu Programa que guarda, hoje, tôda atualidade. É um documento científico, de profundo conteúdo revolucionário. Norteia a atividade dos comunistas na atual etapa democrática e nacional-libertadora da revolução. Posteriormente, em sua VI Conferência elaborou uma tática que leva em conta as peculiaridades do país, posibilita unir os mais amplos setôres da população e ajuda a pôr em movimento as massas populares. O PC do Brasil levantou bem alto a bandeira da independência nacional e da luta armada para derrotar os piores inimigos do povo.

Atualmente, o Partido reorganizado em 1962 se transformou numa importante fôrça e cada dia se firmará mais ainda na arena política brasileira. Enquanto isto, o partido revisionista declina, fragmenta-se sempre mais e se torna uma organização inexpressiva. Em todo o mundo, o revisionismo contemporâneo é batido pelo crescente vendaval dos povos oprimidos, sedentos de liberdade e de justiça social. Os destacamentos marxistas-leninistas estendem-se por quase todos os países. À sua frente encontram-se o glorioso Partido Comunista da China e o valente Partido do Trabalho da Albânia. Com a Revolução Cultural Proletária, o estandarte vermelho do movimento revolucionário e o pensamento de Mao Tse-tung resplandecem de modo mais fulgurante, conduzindo os povos à unidade para liquidar o imperialismo e o revisionismo.

Tem, assim, o povo brasileiro a sua vanguarda. É o Partido Comunista do Brasil que não arrefece na luta nem arreia as suas flâmulas de combate. Une a experiência do velho Partido, fundado em 1922, com o nôvo espírito revolucionário, com a compreensão mais profunda dos problemas da revolução brasileira.

Neste sexto aniversário da Conferência Nacional Extraordinária, os comunistas estão mais convictos da justeza de suas posições, mais confiantes ainda de que o Partido conduzirá o povo à revolução e cumprirá dêste modo a sua missão histórica. Iluminado pelo marxismo-leninismo, a invencível doutrina do proletariado, o caminho indicado pelo Partido levará as massas populares à vitória total sôbre o imperialismo norte-americano e a abjeta ditadura militar que infelicita a nação.

GRANDES ÊXITOS DA REVOLUÇÃO CULTURAL

As vitórias da Revolução Cultural Proletária na China constituem valioso alento à luta da classe operária e dos povos oprimidos por sua independência, pela democracia e o socialismo. Significam, ao mesmo tempo, contundente derrota para a coalisão mundial contra-revolucionária do imperialismo, da reação e do revisionismo contemporâneo.

Ao mobilizar massas de centenas de milhões, num movimento de envergadura sem precedente, a Revolução Cultural Proletária, em menos de dois anos, já estendeu-se a tôda a China e desbaratou a trama revisionista burguesa que visava a restauração do capitalismo. Seguindo a justa orientação do camarada Mao Tse-tung, a esmagadora maioria do proletariado, dos camponeses, do Exército Popular de Libertação e dos quadros uniram-se estreitamente, reforçaram a ditadura do proletariado, puseram a superestrutura política e ideológica em melhor correspondência com a base econômica socialista e desenvolveram ainda mais a produção e a experimentação científica. A idéia de que cada cidadão deve interessar-se pelos problemas do Estado e a campanha para combater o egoísmo e criticar o revisionismo tomaram caráter concreto e adquiriram aspecto realmente de massas. Enfim, prossegue com pleno êxito o esfôrço para transformar tôda instituição, fábrica, escola ou unidade militar, num centro de estudo e de aplicação criadora do marxismo-leninismo, o pensamento de Mao Tse-tung, a invencível bandeira que guia o povo chinês na construção do socialismo e no apoio à revolução mundial.

Em face dêsse avanço triunfal e sentindo desmoronar-se o sonho de há muito acariciado de converter a China e o mundo em fáceis prêsas de sua cobiça e de seu domínio, os imperialistas e a chusma desprezível de canalhas da reação e dos revisionistas não se cansam de assacar as piores infâmias para denegrir a Revolução Cultural Proletária. É que se dão conta, como inimigos jurados dos povos, da importância de tal acontecimento para os destinos do socialismo e da Humanidade progressista.

Entre os falsificadores mais cínicos da Revolução Cultural acham-se os revisionistas contemporâneos. Compreende-se. A Revolução Cultural Proletária, com suas idéias e perspectivas, com suas formas e seus métodos, aguçou todos os problemas em litígio no movimento comunista internacional e contribuiu para revelar a repugnante traição dos revisionistas à causa da luta dos povos contra o imperialismo, sobretudo o norte-americano. Ela ajuda também a discernir os verdadeiros dos falsos marxistas-leninistas, a deslindar mais nitidamente as posições revolucionárias e as oportunistas e a desmascarar os dirigentes revisionistas, indicando às massas seus verdadeiros partidos e chefes proletários revolucionários.

Os filisteus revisionistas, em sua cruzada contra a Revolução Cultural, desempenham sem dúvida missões variadas. Os revisionistas soviéticos, por exemplo, que são os chefes, aparecem como os mais asquerosos e hipócritas. Já os revisionistas franceses fingem certa objetividade, sem esconder, porém, o pedantismo e o refinamento na intrujice. Ao passo que os revisionistas brasileiros, sem qualquer imaginação, copiam servilmente o que lhes dita a camarilha dirigente do PCUS. No entanto, como prova de que o revisionismo é um fenômeno internacional e obedece a causas sociais bem definidas, todos os revisionistas conservam nos ataques à Revolução Cultural o mesmo signo: o temor das massas e o ódio à revolução, a apostasia ao marxismo-leninismo e a capitulação diante do imperialismo. Gritam, por isso, a *una voce*, que a Revolução Cultural é uma insensatez contra o humanismo e a cultura, significa ação terrorista e liberticida, manifestação nacionalista e belicosa, expressão do culto à personalidade, etc. Mas, como fariseus, fazem insistentes apelos ao povo chinês, na «esperança» de que retorne ao «bom caminho» pela mão dos revisionistas. Ou, quem sabe, se êstes apelos falharem, terão de fazê-lo «chegar à razão» através de bombas atômicas que armazenam com finalidades humanísticas...

Todo êsse clamor, porém, é inútil. A Revolução Cultural Proletária conduziu a Revolução Socialista Chinesa a uma fase mais profunda de seu desenvolvimento. Varre com a camarilha revisionista interna, desata as energias das massas revolucionárias para feitos ainda mais espetaculares em sua marcha progressista e estimula ações mais vigorosas na luta libertadora de todos os povos. Ela é resultado inevitável da exacerbação da luta de classes na China e em todo o mundo. Embora apresente suas particularidades, constitui uma necessidade objetiva para consolidar o regime socialista em qualquer país. Por isso, tinha de projetar-se internacionalmente.

A Revolução Cultural Proletária, com as proporções que assumiu e por se realizar num país das dimensões da China, jamais poderia ser um ato arbitrário desta ou daquela personalidade, dêste ou daquele grupo dirigente. Aí não cabem o voluntarismo nem o utopismo. São os revisionistas que, ao negar a luta de classes sob o socialismo, atribuem poderes sobrenaturais às personalidades e se opõem à ação revolucionária das massas, caindo portanto no voluntarismo. Os revisionistas, ao levantar tais aleivosias, o que procuram é defender seus comparsas revisionistas chineses.

É inteiramente justo que a Revolução Cultural repudie, através da crítica mais livre e mais ampla que já existiu em qualquer país, os portadores das idéias e costumes burgueses. Como movimento de massas real, com objetivos ideológicos e políticos definidos, a Revolução Cultural vai sendo revelada ainda melhor na própria prática revolucionária do povo chinês. A missão mais difícil e, ao mesmo tempo, mais essencial, da ditadura do proletariado, depois de conquistado o Poder, não pode limitar-se à tarefa das transformações puramente econômicas. Deve igualmente dedicar-se à realização das mudanças no domíno ideológico, que não se circunscreve apenas aos problemas de ordem literária, artística e educacional, técnica e científica. Por isto o camarada Mao Tse-tung denominou a Revolução Cultural de grande revolução ideológica, que atinge o homem no que êle tem de mais entranhado, em sua alma, em sua concepção. Por conseguinte, também nada tem de estranho ou antimarxista que a Revolução Cultural ponha em prática, mediante a concepção cultural mais elevada, socialista, medidas para transformar os homens na sociedade chinesa de acôrdo com as exigências econômicas, políticas e sociais do proletariado e do socialismo.

Não é êsse por ventura o papel da consciência socialista, da teoria marxista-leninista? Não é êsse um dos objetivos do Partido Comunista? Os revisionistas não querem nem podem compreender a questão teórica básica da Revolução Cultural Proletária: sua inevitabilidade sob o socialismo para satisfazer as exigências da base econômica e acelerar o avanço das fôrças produtivas sociais. São falsificadores contumazes e a verdade lhes é insuportável.

Na Revolução Cultural Proletária o problema do Poder aparece como o problema essencial. Na Revolução Chinesa, desde há muito, vinham se confrontando duas linhas, dois caminhos a respeito da construção do socialismo. Através de todo o processo da Revolução Chinesa, e em tôdas as suas fases, a luta entre as duas linhas veio se configurando cada vez com maior nitidez. Uma, nega a possibilidade de edificar o socialismo em ritmos rápidos, sob a alegação do baixo nível das fôrças produtivas, do atraso técnico-material do país. Preconiza, em conseqüência, grandes concessões aos elementos capitalistas das cidades e do campo e propõe que seus interêsses não sejam afetados por longo período. Deposita as maiores esperanças na ajuda exterior e não confia no esfôrço do próprio povo. Dá ênfase aos estímulos materiais e prioridade à economia sôbre a política. Menospreza o papel da ditadura do proletariado, das novas relações de produção e das massas populares. Propaga a importância do estudo e da formação de quadros técnicos desligados da ideologia proletária. Favorece, por todos os meios, a difusão da cultura e dos hábitos burgueses. Visa, em suma, conduzir o país pelo caminho do retôrno ao capitalismo, do restabelecimento do poder da burguesia, embora jure fidelidade aos princípios e objetivos socialistas proletários. Na realidade, é uma linha burguesa, reacionária. Seus propugnadores defendiam dentro do Partido, mesmo antes da vitória da revolução, em 1949, os interêsses da burguesia. E como a vida se encarregou de mostrar, o maior expoente dessa linha não é outro senão o elemento que detém o mais alto pôsto no Estado, o agora proclamado Kruschov da China.

A outra linha, formulada e aplicada pelo camarada Mao Tse-tung, combate de há muito a conhecida teoria oportunista das «fôrças produtivas» e coloca a questão do socialismo nos seguintes têrmos: «Que acontecerá se não estabelecermos a economia socialista? Nosso país converter-se-á num Estado burguês como a Iugoslávia e a ditadura do proletariado numa ditadura da burguesia, ditadura, além do mais, reacionária e fascista».

Entre as características da China, com centenas de milhões de habitantes — dizia o camarada Mao Tse-tung — o que chocava era a pobreza. As coisas más, no entanto, podem tornar-se boas. Por exemplo, a pobreza impulsiona a mudança, a revolução. E quanto mais gente, mais debates, mais ardor. Por certo, a edificação socialista demandaria longo tempo, requereria apoiar-se mais nos próprios esforços do que na ajuda externa e usar um estilo de trabalho duro e de vida simples. O grande problema era a educação dos camponeses. Sem a socialização da agricultura não haveria socialismo real e sólido. A ditadura do proletariado, com o objetivo de fortalecer a aliança com os camponeses e desenvolver a coletivização do campo, deveria sustentar-se ainda mais nos camponeses pobres, ganhar os médios e liquidar a economia dos camponeses ricos e o sistema de exploração individual nas áreas rurais. Seria preciso, ainda, transformar gradativamente a indústria, o artezanato e o comércio em partes integrantes da economia socialista. Dessa forma, novas e melhores condições seriam criadas para a libertação das fôrças produtivas e o incremento da produção. E tendo em conta que, internamente, a contradição com a burguesia nacional não fôra eliminada, nem podia sê-lo na primeira etapa da revolução, e que, externamente, se aguçava a contradição com o imperialismo norte-americano, que ameaçava a China de opressão, impunha-se travar uma luta enérgica não só na frente econômica, mas principalmente no campo político e ideológico. A ditadura do proletariado tinha de ser, pois, revigorada e não debilitada, quer para fazer avançar a revolução, quer para possilibitar à China o cumprimento de seus deveres internacionalistas, em defesa do movimento comunista e da causa de todos os povos oprimidos que, em grande maioria, ainda viviam e vivem sob o jugo da reação e do imperialismo.

Dirigindo a Revolução Chinesa e lutando pela construção do socialismo na China, o camarada Mao Tse-tung estudava a experiência da ditadura do proletariado também nos países socialistas, sobretudo na União Soviética. Depois da Iugoslávia, foi no país da Revolução de Outubro, que os revisionistas, mascarados de leninistas, ocupando postos na direção do Estado e do Partido, conseguiram usurpar o Poder do proletariado e arrastar o glorioso país de Lênin e de Stálin de volta ao capitalismo. O camarada Mao Tse-tung, tirando lições dessa amarga experiência, formulou uma tese de largo alcance para os destinos do socialismo: as classes e a luta de classes, nas condições do socialismo, continuam a existir. Mao Tse-tung afirmou que a questão de saber quem vencerá, se o socialismo ou o capitalismo, não havia sido definitivamente resolvida, nem mesmo nos países onde vencera a ditadura do proletariado. Na China, disse êle, «havia os que sonhavam restaurar o regime capitalista, travando a luta contra a classe operária em tôdas as frentes, inclusive a ideológica. Nesta luta, os revisionistas são seus melhores auxiliares. (...) Preconizam de fato não a linha socialista, mas a capitalista».

O camarada Mao Tse-tung demonstrou que a luta de classes, a luta pela produção e pela experimentação científica são os três grandes movimentos revolucionários para a edificação de um país socialista. Através dêsses movimentos, os comunistas evitarão o burocratismo, eliminarão o revisionismo e o dogmatismo e garantirão a unidade das massas em tôrno da ditadura do proletariado. Se agirem de modo diverso, isto é, se deixarem de mobilizar as massas na direção indicada e perderem a vigilância, permitindo que o inimigo se infiltre nas fileiras do Partido, os comunistas não poderão obstar que, em alguns anos, ocorra uma contra-revolução para fazer com que o Estado mude de côr e o Partido se torne revisionista e mesmo fascista.

A linha proletária, revolucionária, sob a sábia direção de Mao Tse-tung infligia pesadas derrotas à linha burguesa, oportunista. A China avançava, com passos cada vez mais firmes e ritmos impressionantes, pela senda das transformações socialistas a fim de superar seu atraso milenar, extinguir as lacras da opressão estrangeira e conquistar o nível de uma verdaderia cultura socialista. Obteve enormes êxitos no terreno da economia, ciência, técnica e da defesa nacional, que se modernizavam cèleremente. Impulsionadas pelas novas relações de produção socialistas, as massas demonstraram enorme capacidade de sacrifício e ardente patriotismo e realizaram avanços que são exemplos para todos os povos que sofrem ainda a espoliação e a opressão do imperialismo e do capitalismo.

Como então explicar que tenham podido subsistir e, ademais, atuar, os representantes burgueses dentro do Partido e do aparelho estatal da ditadura do proletariado na China? É que os inimigos de classe jamais se resignam com a derrota. Após cada batalha política procuravam camuflar-se. Adotaram uma tática de duas caras. Fingiam fazer autocrítica. Mostravam-se partidários fervorosos do pensamento de Mao Tse-tung e da linha proletária, mas agiam sorrateiramente contra sua orientação. Conseguiam, assim, iludir o Partido e as massas. Manifestavam-se, porém, a cada nova vicissitude do processo revolucionário, atacando novamente a linha do Partido e sua direção proletária.

Conforme ficou evidente pela experiência dos países revisionistas, a formação e a atividade de um estado-maior burguês no partido da classe operária é perfeitamente possível, enquanto houver classes e luta de classes. Êste é o maior perigo que enfrenta o Partido bem como a ditadura do proletariado. O *quid* da questão é saber destruí-lo, tarefa difícil porque o inimigo procura apresentar-se disfarçado com a bandeira do marxismo-leninismo, jurando a maior fidelidade aos princípios.

O método que sempre foi empregado para limpar as fileiras do Partido de tão indesejável companhia foi o dos expurgos periódicos. Lênin e Stálin ensinavam que é impossível superar o oportunismo no Partido apenas por meio da luta ideológica. Nas condições da ditadura do proletariado, Lênin advertia que sem manter a pureza ideológica do Partido o sistema socialista não poderia sobreviver. Por isso, insistia que, com o apoio das massas, fôsse periòdicamente efetuada a depuração no Partido.

Um dos grandes ensinamentos da Revolução Cultural Proletária é que ela constituiu a melhor forma encontrada pelo estado-maior proletário, encabeçado pelo camarada Mao Tse-tung, para liquidar os representantes da burguesia introduzidos no Partido, o estado-maior burguês. Apesar de que os revisionistas estivessem na direção do Partido e do Estado, na medida que a luta de classes se agravava e pela sua própria dinâmica, êles foram obrigados a descobrir-se. Sem dúvida custou, mas tiveram finalmente de revelar-se. Isto ocorreu quando o movimento de educação socialista, sob os auspícios do camarada Mao Tse-tung, em 1962, voltou o gume de sua investida contra os elementos burgueses infiltrados no Partido. Ante a iminência de perder suas posições, os revisionistas chineses resolveram oferecer desesperada resistência, sob a direção do Kruschov da China.

Quanto mais premente a tarefa do saneamento na esfera educacional, *literária e artística* para colocar a superestrutura política e ideológica em consonância com a base econômica socialista em crescente avanço, tanto mais notória se mostrava a oposição dos elementos encastelados nesses setôres e dos que os amparavam na cúpula do Partido. Era uma oposição que vinha atuando há algum tempo e destilava sutilmente seu veneno para preparar o terreno, e ganhar a opinião pública, contra a linha proletária e seus representantes. Suas críticas maléficas apareciam como conselhos de prudência e bom-senso. Aproveitavam tôdas as dificuldades temporárias para recriminar os movimentos das massas e reclamar modificações na linha geral do Partido e freios à Revolução Socialista. Haviam chegado a sistematizar tôda uma linha de classe, burguesa, contrária à linha socialista e organizaram uma conspiração para tomar o Poder no momento propício.

(continua na pag. 4)

CONGRESSO...

(continuação da pag. 2)

o Partido do Trabalho da Albânia e os marxistas-leninistas de todos os países.

Na longa Resolução do congresso dos revisionistas encontram-se as mais variadas teses de conteúdo oportunista. É necessário desmascará-las. Aqui sòmente foram focalizados, de um modo geral, alguns aspectos dêsse documento. Tais aspectos, porém, são suficientes para mostrar a fisionomia política e ideológica do pequeno grupelho a que está reduzido o partido de Prestes.

GRANDES ÊXITOS DA REVOLUÇÃO CULTURAL

(continuação da pag. 3)

Com sua visão genial de revolucionário, o camarada Mao Tse-tung compreendeu a necessidade de chamar as grandes massas em defesa do Poder proletário e para bombardear o quartel-general burguês que se entronizara no Partido e desmascará-lo por completo. Pessoalmente tocou a rebate e lançou-se à luta contra os revisionistas burgueses.

A Revolução Cultural foi, portanto, resultado de um processo objetivo de agravamento da luta de classes, em que as linhas que se enfrentavam, no começo, aparentemente em tôrno de problemas educacionais, literários e artísticos, expressavam de fato a luta pelo Poder entre os dois estado-maiores dentro do Partido: o proletário, encabeçado pelo camarada Mao Tse-tung, e o burguês, dirigido pelo Kruschov da China.

Por isso, a Circular do Comitê Central do P.C. da China, de 16 de maio de 1966, sôbre o «Informe Esquemático de Peng-cheng» assim caracterizou o grupo antipartido e anti-socialista: «Os representantes burgueses que se infiltraram no Partido, no Govêrno, no Exército e nos diversos setôres culturais são um grupo de revisionistas contra-revolucionários que se assenhorearão do Poder e converterão a ditadura do proletariado em ditadura burguesa tão logo se apresente a oportunidade. (...) Por exemplo, gente tipo Kruschov ainda se abriga a nosso lado».

A situação e a referência estavam claras. Quando as chamas da Revolução Cultural Proletária começaram a crepitar entre a juventude das escolas e entre as grandes massas através dos *tatzbao* e dos debates, os inimigos principais do povo saíram de seus esconderijos para atacar o movimento que se iniciava impetuosamente. Utilizando os postos que ocupavam, reuniram tôdas as fôrças a sua disposição e atiraram-se a uma repressão feroz, sangrenta, de que só são capazes os revisionistas e fascistas no Poder.

De forma que, ao ouvirmos os escudeiros revisionistas do liberalismo e da burguesia acusar as massas revolucionárias chinesas de empregar o terrorismo não é tão difícil descobrir que visam, na realidade, a ocultar seus próprios crimes e justificá-los. O «socialismo com liberdade» que, hoje, os revisionistas apregoam não significa que o povo deva ter direito de livre manifestação nem o de lutar, a seu modo, contra as velhas classes exploradoras. Esta liberdade êles a querem suprimir por todos os meios, a ferro e fogo. Basta que qualquer operário soviético ou de outro país revisionista se pronuncie contra a traição e os desmandos da camarilha governante ou procure conhecer os pontos-de-vista dos verdadeiros marxistas-leninistas para que seja submetida à prova a concepção de liberdade dos bandidos revisionistas. Será encarcerado ou internado num hospital de loucos.

A verdade é que a Revolução Cultural estêve a pique de ser estrangulada pelas medidas punitivas e terroristas do bando chefiado pelo Kruschov da China. Ainda aí, porém, mais uma vez, revelou-se o papel decisivo da vanguarda proletária, liderada pelo camarada Mao Tse-tung. A histórica sessão plenária do Comitê Central do PC da China, de agôsto de 1966, que aprovou a decisão sôbre a Revolução Cultural Proletária, apoiou as massas e os quadros revolucionários em sua rebeldia e os orientou para que se empenhassem audazmente na crítica, na luta e no repúdio a todos os elementos que, nas instituições estatais, culturais e no Partido fôssem seguidores do caminho capitalista e se opuzessem às transformações culturais e à política proletária. Era necessário apoiar a esquerda, ganhar o centro, combater e isolar a direita.

Encorajadas por essa famosa Resolução, as massas e os quadros revolucionários redobraram de entusiasmo em suas ações e romperam, intrèpidamente, com as peias da reação revisionista burguesa. Como autênticos soldados do pensamento de Mao Tse-tung, lançaram-se ao assalto dos baluartes da burguesia, expondo suas mazelas e a conspiração que tramava contra o povo e o socialismo.

Assim, delineada magistralmente no sentido teórico e político pelo camarada Mao Tse-tung, e pessoalmente dirigida por êle e seu estado-maior proletário, a Revolução Cultural iria dar a conhecer todo o seu alcance e desincumbir-se de seus objetivos, no seu próprio curso e na medida dos obstáculos que tivesse a superar. As massas estavam prevenidas de que o inimigo ofereceria obstinada resistência, que os combates seriam duros e prolongados e haveria marchas e contramarchas. O único método provado e justo era o de confiar nas massas, respeitar sua iniciativa e mobilizá-las com destemor a fim de que elas se libertassem por si mesmas. Por que meios? Utilizando os debates amplos, elucidando as questões suscitadas, revelando as posições, aprendendo a discernir as contradições no seio do povo das existentes entre o povo e os inimigos.

Muitas coisas novas surgiram na Revolução Cultural Proletária, já dizia a Resolução de Agôsto de 1966, do Comitê Central do PC da China. Foram criados grupos, comitês e congressos de rebeldes proletários e revolucionários. Irrompeu a maravilhosa Guarda Vermelha, espantando fantasmas e monstros, causando o pânico entre os inimigos, mas enchendo de júbilo todos os partidários sinceros do socialismo. Em pouco tempo mobilizou e uniu milhões de jovens para defender as idéias proletárias e o pensamento de Mao Tse-tung e levar adiante a Revolução Socialista.

Entretanto foi a classe operária que, depois de mobilizada, passou a constituir a fôrça dirigente da Revolução Cultural e a imprimir seu estilo ao grande movimento revolucionário das massas que estremece a China e o mundo. Em janeiro de 1967, desencadeou-se a conhecida «tempestade de Xangai» que deu nascimento ao primeiro Comitê Revolucionário e colocou o Poder diretamente nas mãos das massas, de suas organizações rebeldes, surgidas no próprio fogo da Revolução Cultural. Era uma demonstração de que a luta pelo Poder na China entrara em nova fase. A divulgação do acontecimento despertou enorme entusiasmo e não tardou a aparecer a idéia de que os Comitês Revolucionários deviam ser organizados pela aliança das organizações de massa revolucionárias do Exército Popular de Libertação e dos quadros revolucionários. Despontava, assim, a Tríplice Aliança como nova forma política da ditadura do proletariado nas condições do socialismo. Na base da Tríplice Aliança se acham as organizações de massa revolucionárias. Sua coluna de sustentação é o Exército Popular de Libertação. E seu núcleo é constituído dos quadros revolucionários. Todos desfrutam da mais ampla confiança das massas.

Com a Tríplice Aliança, o nôvo Poder proletário está mais próximo do povo, mais unido a êle do que nunca. As organizações revolucionárias, representantes genuínos dos operários, camponeses e intelectuais, das massas mais numerosas e humildes, elegem seus membros mais fiéis para participar dos Comitês Revolucionários. Procedem de igual modo os quadros revolucionários e o Exército Popular de Libertação. É uma impostura dos inimigos da Revolução Cultural, em particular dos revisionistas, qualificar de manobra antipartido ou acoimar de militarismo a participação do Exército Popular de Libertação ao lado do movimento revolucionário das massas. Jamais houve um exército tão querido e ligado ao povo quanto o Exército Popular de Libertação da China. Constituído de trabalhadores, está dedicado ao serviço do povo e a defendê-lo de todos os seus inimigos internos e externos. Não se presta ao papel de opressor dos operários e camponeses, como os exércitos da burguesia e dos latifundiários. Autêntica instituição democrática, o Exército Popular de Libertação trabalha para manter-se e colabora na produção e na experimentação científica. Seus oficiais não gozam de privilégios. Nenhuma minoria ou qualquer grupo pode dêle utilizar-se para satisfazer suas ambições de mando. Por isso, êle apóia as massas revolucionárias e é um esteio da Tríplice Aliança.

A formação desta Aliança e de seus Comitês Revolucionários permitiu que a imensa maioria afastasse do Poder o pequeno grupo de elementos que se julgava superior e privilegiado, simplesmente porque possuía o honroso título de membro do Partido. Tais elementos conspiravam para restaurar o Poder da burguesia e restabelecer o capitalismo no país. E quando eclodiu a Revolução Cultural, tudo fizeram para afogá-la, recorrendo aos métodos mais ferozes de repressão e adotando os meios mais incríveis de solapamento e de divisão das lutas das massas. Depois de eleitos, os Comitês Revolucionários tomam a seu cargo as tarefas políticas, econômicas e administrativas. Sua missão principal consiste em empreender a revolução e promover a produção.

A Tríplice Aliança, como nova forma da ditadura do proletariado na China, representa uma conquista de enorme significação internacional. Como se sabe, a questão do poder estatal da ditadura do proletariado foi considerada uma das mais importantes, senão a mais importante da teoria revolucionária marxista-leninista. Em suas grandiosas batalhas contra a burguesia, o proletariado mundial conhecera a experiência imorredoura da Comuna de Paris, uma forma de Estado que, pela primeira vez na História, permitiu a participação direta e decisiva das massas no Poder. Unia as funções legislativas às executivas e tornava acessível aos trabalhadores mais simples a direção do Estado. Como resultado da experiência da Comuna de Paris, a doutrina do proletariado foi enriquecida com a lição de que a máquina do Estado deve ser destruída, com todos os seus apêndices, e, em seu lugar, erigida uma nova, a serviço da ditadura proletária. E veio para primeiro plano a questão teórica de que não basta sòmente tomar o Poder, mas trata-se sobretudo de mantê-lo e consolidá-lo.

Quase meio século após a Comuna de Paris triunfou a Revolução de Outubro, tendo o proletariado russo criado o Poder Soviético, continuador da Comuna, elevada forma de instituição estatal democrática da ditadura do proletariado, capaz de unir em seu redor as massas trabalhadoras e exploradas mais atrasadas e dispersas e de assegurar a transição para o socialismo.

O Poder Soviético, como órgão do poder da imensa maioria das massas antes oprimidas contra a minoria opressora e como instrumento revolucionário para vencer a resistência de seus inimigos, cumpriu, durante um longo período, seu papel. Devido, porém, à traição dos revisionistas kruschovistas, o Poder Soviético perdeu seu conteúdo de classe e fêz degenerar a ditadura proletária em ditadura burguesa. A histórica iniciativa do proletariado e da massas chinesas enche de justificado júbilo as fôrças revolucionárias e marxistas-leninistas de todo o mundo. A Revolução Cultural forjou, com a Tríplice Aliança, uma forma estatal do Poder pela qual as massas exercem diretamente sua ditadura contra a resistência dos inimigos e podem, através do uso de efetivos direitos democráticos, elevar-se à condição de ativos e conscientes construtores de sua própria história.

Tudo isto comprova que o povo revolucionário da China, com idéias e armas proletárias, está aplicando, de modo conseqüente, os ensinamentos do marxismo-leninismo. Rompe radicalmente com as idéias tradicionais depois de ter rompido radicalmente com as formas de propriedade tradicionais. Essa obra de limpeza dos miasmas da velha sociedade a fim de purificar a atmosfera da nova sociedade, apesar de não ser fácil, é vital para a causa do socialismo e do comunismo.

A imputação dos revisionistas de que a Revolução Cultural Proletária está em conflito com a cultura e o humanismo marxista-leninista significa rematada hipocrisia e dissimulada apologia do humanismo reacionário e da cultura decadente da burguesia. A ditadura do proletariado perderia sua razão de ser se deixasse de privar alguns intelectuais burgueses da liberdade de envenenar a juventude com as idéias do individualismo, da exploração do homem pelo homem, da guerra imperialista, da falaciosa igualdade entre ricos e pobres.

A Revolução Cultural Proletária pretende levar a sociedade chinesa a consolidar o regime socialista e a preparar o advento do comunismo. Para alcançar êstes objetivos ela se baseia nos conhecimentos acumulados pela Humanidade ao longo de sua História e se orienta pelo pensamento de Mao Tse-tung, que é a síntese atual dêsses conhecimentos. Por conseguinte, ela reflete a mais elevada expressão da cultura, da economia e da política a serviço das massas trabalhadoras. A técnica e a ciência, a arte e a literatura não ficarão nem por cima nem à margem das classes, mas contribuirão para a extinção das classes, para edificar a sociedade sem classes, o comunismo.

Na China da Revolução Cultural se forma um homem nôvo, livre do egoísmo e dedicado ao bem-estar coletivo. O conceito humanitarista reacionário da burguesia e dos revisionistas é mendaz. O homem não poderá jamais libertar-se das fôrças alienantes que o manietam na sociedade capitalista, nem será capaz de seguir conscientemente seu próprio destino, se as grandes massas trabalhadoras, as reais criadoras da História, não conquistarem sua emancipação através da ditadura do proletariado. Marx explicou que a natureza humana é inseparável das relações sociais. E acrescentava que a Humanidade só dará o salto do reino da necessidade para o da liberdade quando fôr instaurada a sociedade comunista. Ou, como prediz o camarada Mao Tse-tung: «Chegará a época do comunismo no mundo, ocasião em que a Humanidade transformar-se-á a si mesma e transformará o mundo de maneira consciente».

A Revolução Cultural Proletária veio demonstrar a importância histórico-mundial do pensamento de Mao Tse-tung, como o marxismo-leninismo de nosso tempo. O povo chinês, armado com o pensamento de Mao Tse-tung, alcançará todos os seus nobres objetivos.

Foi o camarada Mao Tse-tung que, aliando uma longa prática revolucionária a uma capacidade extraordinária de abstração e generalização, aprofundou o marxismo-leninismo no período em que o socialismo marcha inevitàvelmente para o triunfo total e o imperialismo caminha para a bancarrota definitiva. Êle desenvolveu a dialética materialista, defendendo a teoria monista do materialismo e afirmando que a lei das contradições é a fundamental do método dialético. Interpretando de modo criador a lei descoberta por Lênin sôbre o desenvolvimento desigual do capitalismo, mostrou aos revolucionários dos países subjugados pelos imperialistas a possibilidade de levar a revolução à vitória, a partir das bases de apoio no campo e através da guerra popular revolucionária. Também esclareceu, de maneira acessível, o problema da interpenetração entre a superestrutura e a base econômica e contribuiu para desmascarar a teoria revisionista do incentivo material na construção do socialismo. Mostrou que o incentivo material corresponde à política burguesa, pois não existe economia pura, isolada ou acima da política. Partindo da idéia leninista de que a política é a economia concentrada, o camarada Mao Tse-tung esclareceu que em qualquer processo social, a política vem em primeiro lugar e sempre se relaciona com o interêsse desta ou daquela classe. Isto significa que ou predomina a política burguesa ou a proletária, vence o caminho capitalista ou o socialista. Não há meio têrmo.

O pensamento de Mao Tse-tung restabeleceu brilhantemente e enriqueceu a teoria marxista-leninista da existência das classes e da luta de classes sob o socialismo. Indicou que a compreensão das classes só do ponto-de-vista econômico não era suficiente, sendo necessário considerá-las também do ponto-de-vista político e ideológico, e que não se deve entender nenhuma das formas de luta de classes separada das demais. Portanto, a liquidação econômica das classes tem de ser completada pela liquidação política e ideológica que é a decisiva.

Por tôdas essas circunstâncias, a China da Revolução Cultural Proletária e de Mao Tse-tung transformou-se no centro da revolução mundial e no mais poderoso baluarte da luta contra o imperialismo. É a nação socialista que, diante do agressor norte-americano, sustenta uma política que consulta os interêsses da imensa maioria da humanidade. Não teme suas ameaças e, simultâneamente, apóia sem vacilações a luta dos povos por sua independência nacional, pela democracia popular e o socialismo. Isto se comprova na ajuda desinteressada ao heróico povo vietnamita e na recusa a qualquer transação com os revisionistas soviéticos, que maquinam mil e uma formas de quebrar a impressionante e vitoriosa resistência do Vietname à invasão norte-americana.

A Revolução Cultural reforça a consciência internacionalista do povo chinês no combate ao imperialismo norte-americano, o maior inimigo da Humanidade, e na denúncia do revisionismo soviético. Da China nos vem, hoje, o chamamento vigoroso para a unidade e a luta intrépida e destemerosa dos povos contra a santa aliança do imperialismo, a reação e o revisionismo. A nação chinesa prepara-se para enfrentar, a qualquer momento, o ataque dessa santa aliança.

Sob a liderança sábia e provada do camarada Mao Tse-tung, os trabalhadores e os povos oprimidos do mundo inteiro unir-se-ão mais sòlidamente e alcançarão a vitória.

Os comunistas brasileiros, que receberam com entusiasmo os grandes êxitos da Revolução Cultural Proletária, procuram estudar seus ensinamentos e divulgar suas experiências. Ao mesmo tempo, erguem, cada vez mais alto, a bandeira vermelha do pensamento de Mao Tse-tung, que descortina para nosso povo o caminho da revolução e da guerra revolucionária de libertação.

PEDRO POMAR